

Introdução a BAUMAN: o mundo como texto

Olga de Sá¹
Raquel de Godoy Retz²

Resumo

O artigo pretende ser uma introdução ao pensamento de Bauman, percorrendo sua biografia e suas obras, publicadas, em português, até 2013.

Palavras-chave: Bauman; Sociologia - Sociedade - Modernidade líquida – Globalização

Abstract

The article is intended as an introduction to Bauman, covering his biography and his works, published in Portuguese by 2013.

Key Words: *Bauman; Sociology - Society - Liquid Modernity – Globalization*

1 Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

2 Doutora em Educação: psicologia da Educação pela PUC-SP.



Quem tem medo de Bauman?

Já se fez essa pergunta a respeito de Virgínia Wolff, de Clarice Lispector e agora a fazemos a respeito de Bauman.

Não porque seus textos tenham algo de hermético ou exijam um leitor especial, mas pela originalidade de suas análises sociais e pela extensão de sua obra.

Se bem que, um Autor que se arrisca a publicar tantas obras, em tão pouco tempo, sobre uma realidade tão complexa como a sociedade atual, sempre resvala na repetição.

Bauman nasceu em 1925, entre duas guerras mundiais e vive, hoje, na Inglaterra, como professor emérito das Universidades de Varsóvia (sua primeira cátedra em Sociologia Geral) e de Leeds (onde trabalhou durante 20 anos).

Durante a segunda guerra mundial, alistou-se como combatente no exército russo. Professor em Varsóvia, teve em 1968, artigos e livros censurados. Exilou-se, e refez sua carreira no Canadá, nos Estados Unidos e na Austrália, fixando-se finalmente, na Grã Bretanha.

A sociologia é para ele a possibilidade de contribuir com a sociedade. Diferentemente de uma sociologia que está a serviço dos governantes para auxiliá-los a melhor conduzir o povo para seus objetivos, a sociologia que busca fazer com seus escritos é na esperança de ampliar a extensão e a potência da liberdade dos atores sociais, oferecendo-lhes um melhor insight na organização social, na qual desempenham suas tarefas de vida.

Nomeia o tipo de sociologia, primeiramente citado acima, como “engenharia pela manipulação” e descreve-a afirmando que este tipo de sociologia visa a suprir, com informações sociológicas, os “corredores do poder”, sobre as condições pelas quais os seres humanos ficam menos propensos a se rebelarem e não buscariam trilhar novos e próprios caminhos. Esse tipo de sociologia prometia ser uma ciência da não-liberdade a serviço da tecnologia da não-liberdade. Por outro lado, a “engenharia pela racionalização” é a sociologia que expõe publicamente as contingências, “a relatividade do que é a ordem”, possibilita uma crítica da realidade social, abrindo caminhos para opções e mudanças do mundo atual.

A sociologia, segundo Bauman, pode nos fornecer elementos para compreender os processos que moldaram nossa existência e esta sociedade na qual a individualização se tornou uma determinação. Só podemos enfrentá-la, agindo, coletivamente.

Já em 1976 (traduzido, em 1997, em português), Bauman, na obra *Por uma Sociologia crítica: um ensaio sobre Senso Comum e Emancipação*, expõe a forma de uma Sociologia, baseada na razão emancipatória. Defende a *validade* do senso comum e a verdade de uma teoria que resolvam transcender as limitações das provas fornecidas pelo senso comum. Uma Sociologia crítica visa à libertação humana e contesta os pressupostos e as rotinas da vida cotidiana. Procura-se criar condições para que toda ação humana seja guiada pela razão. Esta *emancipação da razão* se estabelece de acordo com um princípio geral: a libertação do homem só pode ser promovida em condições de liberdade.

Em *Aprendendo a pensar com a Sociologia* (em inglês, 1990, 2011, 2002 e, em português 2010), Bauman aborda aspectos aparentemente comuns da vida como amor, trabalho, lazer, consumo, religião, enfrentados de maneira inovadora. Temos de aprender a respeitar aquilo que toda sociedade deve garantir para sobreviver: o direito que cada

um de seus integrantes tem de escolher as formas de viver, conforme suas preferências.

A edição original publicada nos Estados Unidos, em 1990, foi revista e acrescentaram-se temas atuais como corpo, intimidade, tempo, espaço, desordem, risco, globalização, identidade e novas tecnologias.

Em 1989, recebeu o prêmio Amalfi pela obra *Modernidade e Holocausto* e, em 1998, o prêmio Adorno, pelo conjunto da obra.

Talvez, o mais conhecido livro de Bauman seja *Modernidade líquida* (em inglês 2000; em português 2001), pelos conceitos amplamente difundidos de *liquidez* e *fluides*, em contraponto a *pesado* e *sólido*, que aplicou à *sociedade pós-moderna*. Aliás, prefere os termos *modernidade líquida* a *pós-modernidade*.

Bauman diferencia a sociologia pós-moderna do termo que utiliza (sobretudo no início de suas publicações) que é a sociologia da pós-modernidade. O termo “pós-modernidade” é compreendido nas obras de Bauman, como o tipo de condição humana da sociedade atual; não se refere à visão de mundo construída na era pós-moderna, por pós-modernistas, o que ele afirma não ser.

Pela confusão semântica que o termo traz, Bauman começa a evitar o termo em suas obras e passa a utilizar a metáfora da “liquidez” para expressar o que compreende dos tempos atuais de mudança em contraposição à “modernidade sólida”.

São célebres suas palavras escritas no Prefácio da obra Modernidade Líquida:

(...) os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos, não têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma ou estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar. (BAUMAN, 2001, p. 8)

Os líquidos precisam ser descritos, levando em conta o tempo. Suprimir o tempo, no caso dos líquidos, seria um grave erro.

Os líquidos se movem facilmente. Eles *fluem*, *escorrem*, *esvaem-se*, *respingam*, *transbordam*, *vazam*, *inundam*, *borrifam*, *pingam*, são *filtrados*, *destilados*; diferentemente dos sólidos não são facilmente contidos – contornam outros obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com os sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de *leveza* (...). Essas são as razões para considerar *fluides* ou *liquidez* como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN, 2001, p. 8-9)



Uma modernidade leve e dinâmica. Essa transformação afetou toda a humanidade. A temática abordada é uma tentativa de compreender quais as consequências da vida líquida e com o tempo fluido, a lógica dos indivíduos no seu cotidiano.

Nesse livro, Bauman analisa cinco conceitos que lhe são caros e organizam a vida humana, quando compartilhada: emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade.

Não resumiremos agora essas análises, porque elas reaparecerão, de um modo ou de outro, junto com outros conceitos.

Modernidade líquida complementa e conclui a análise realizada em dois livros anteriores: *Globalização: as consequências humanas* (em inglês 1998; em português 1999), e *Em busca da Política*, (em inglês 1999; em português 2000).

A *modernidade líquida* é um momento, em que a sociabilidade humana experimenta transformação nos seguintes processos:

- a metamorfose do *cidadão* (como sujeito de direitos e deveres), em *indivíduo* em busca de afirmação no espaço social;
- a passagem de estruturas de *solidariedade coletiva* para as de *disputa* e competição;
- o enfraquecimento de sistemas de *proteção estatal* às intempéries da vida, gerando um permanente ambiente de *incerteza*;
- a colocação da *responsabilidade* por eventuais *fracassos*, no plano individual;
- o fim do *planejamento* a longo prazo;
- o divórcio e a iminente apartação total entre poder e política.

A globalização projeta-se como destino do mundo, embora não sejamos capazes de prever acontecimentos e projetar o futuro. Observamos instituições, fronteiras, valores e princípios deslocarem-se de modo imprevisível. A responsabilidade social desaparece: quem ajuda as pessoas necessitadas? Qual a situação dos pobres? Quais as perspectivas dos desempregados? O fosso torna-se sempre mais amplo e mais fundo entre os que possuem e os que não possuem.

Em janeiro de 2012, numa edição especial, a *Revista Cult* levantou um dossier de “Filosofia contra o Sistema”, entrevistou vários filósofos, entre os quais Bauman.

Seu dossier foi intitulado *O caçador e o jardineiro*, metáforas importantes de seu pensamento como sociólogo. Assinalando o chamado *fim das utopias*, Bauman diz que na era pré-moderna a presença humana é a do caçador. A principal tarefa do caçador é defender os terrenos de sua ação de toda e qualquer interferência humana, a fim de preservar o chamado *equilíbrio natural*. Tudo está em ordem, cada criatura tem seu lugar, o mundo é um sistema divino, que o homem não tem capacidade para compreender.

No mundo moderno, a metáfora da humanidade é a do jardineiro. A ordem do mundo depende do contínuo esforço de cada um. Os jardineiros sabem que tipos de planta cultivar e que tipo extirpar. Os jardineiros produzem *utopias*. O caçador não. Ele esvazia as florestas e não é preocupação sua que o planeta esgote suas reservas. São individualistas e só pensam em si, em suas ambições. As forças da globalização, que substituem as nações, favorecem os caçadores.

A caça se transformou em compulsão, dependência e obsessão; se o indivíduo não

quiser afundar, tem de continuar surfando, isto é, mudar o guarda-roupa, o mobiliário, o papel de parede, o olhar, os hábitos, a percepção do mundo. Nada de ontem.

Bauman, porém, acredita no potencial humano para que um outro mundo seja possível. É preciso desconstruir, desmistificar, desacreditar os falsos valores dominantes e suas estratégias, mostrando que em vez de assegurarem uma sociedade de vida superior, constituem um obstáculo para a construção possível de uma nova realidade social. (Cult, p. 37-41, nº 4, janeiro 2012, ano 15).

Em 1997 (em inglês), Bauman publicou *O mal estar da pós-modernidade*, 67 anos após a obra *O mal-estar na civilização*, de Freud, publicada em 1930, em Viena, com o título *A infelicidade na cultura* e depois de outros títulos em alemão e inglês, consagrado, em português como o *O mal estar na civilização*. Bauman, comentando o pensamento de Freud nessa obra, diz: Cultura, civilização e modernidade eram para Freud beleza, limpeza e ordem. A civilização é aprendida e se constroi sobre uma renúncia ao instinto. A civilização impõe grandes sacrifícios à sexualidade e à agressividade do homem. Os prazeres da vida civilizada vêm num pacote fechado com sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião. O princípio do prazer está reduzido à medida do princípio de realidade. O homem moderno civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança.

Freud falou em termos de *compulsão, regulação, supressão* ou *renúncia forçada*. Esses mal-estares resultaram do excesso de ordem e sua inseparável companheira – a escassez da liberdade.

A hora moderna é a da desregulamentação. A liberdade individual reina soberana: é o valor pelo qual todos os outros valores vieram a ser avaliados. Não que os valores da beleza, limpeza e ordem tenham sido abandonados. Segundo Bauman, devem ser realizados por meio da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer, que tolera uma segurança individual pequena demais. A reavaliação dos valores é um momento feliz, estimulante, mas os valores reavaliados não garantem necessariamente um *estado* de satisfação (cf. Bauman, 1998, Introdução).

Nessa Introdução, Bauman declara-se feliz, pois foi a primeira vez que, nesse último quarto de século, escreveu alguns capítulos em polonês, sua língua materna, assim como restaurou os laços com sua Alma Mater, a Universidade de Varsóvia. Esse acontecimento ratifica o que ele aponta como a marca da pós-modernidade: *a vontade de liberdade*.

Foi, sem dúvida, essa vontade que provocou as itinerâncias de seu exílio e fez dele um estrangeiro em toda parte. Bauman assinala como marca contemporânea a universalização do medo ou das perdas derivadas da troca da ordem pela busca da liberdade. Desvela o mal-estar cultural e as variadas formas de estar-no-mundo, a partir desse medo universal.

Várias vezes aborda a questão de “ser estrangeiro ou não” em um mundo no qual o limite territorial não é mais definitivo para diversos aspectos como identidade, por exemplo. A universalização é sem dúvida irreversível e deixa a consequência de que o ser humano tem a



necessidade de desenvolver, aprender e praticar a arte de conviver com os estranhos e sua diferença em base permanente e cotidiana é inescapável também por outra razão: não importa o esforço que os governos façam para evitá-los, não é provável que os migrantes parem de bater às portas de um país, da mesma forma que é improvável que estas permaneçam fechadas. (2013)

Livro publicado em inglês, em Cambridge, Inglaterra, em 2006, em português saiu em 2008: *O medo líquido*. Roosevelt dizia em seu *Discurso de posse*, em 1933, que a única coisa que devemos temer é o próprio medo. D. Quixote, no século XVII, disse que

“*O medo tem muitos olhos*

E enxerga avisos no subterrâneo”.

Hoje, vivemos em carros blindados com vidros escurecidos, passeamos em Shopping Centers, nossas casas têm cercas elétricas, alarmes ou são condomínios fechados, tememos as grandes cidades e até as pequenas, e nos lazeres ou no aconchego das moradias sofremos o medo das enchentes, dos tsunames, dos terremotos, do terrorismo, da perda do emprego, do amor, de sermos excluídos.

Não temos mais o controle de nada, nem sequer pelo uso das tecnologias avançadas, da economia globalizada. Haverá mecanismos ou estratégias que afastem o medo de nossas vidas?

Bauman afirma que a menos que seja controlada e domada, nossa globalização negativa, alternando-se entre privar os livres de sua segurança e oferecer segurança na forma de não-liberdade, torna a catástrofe inescapável.

O século vindouro pode muito bem ser a época da derradeira catástrofe. Mas pode ser o tempo de um novo pacto entre os intelectuais e o povo, ou a humanidade, em seu conjunto. A escolha talvez ainda nos pertença (cf. Bauman, 2008, p. 229).

A *Vida líquida*, de 2005, publicada em português em 2007, retoma o tema da fluidez como característica da sociedade contemporânea.

A vida líquida caracteriza uma sociedade efêmera, em que o capitalismo provoca o consumismo e, por consequência, a incerteza, o desaparego, o eterno recomeço da posse, que nunca se satisfaz e impossibilita o amor e a fidelidade. Como é preciso livrar-se sempre do que é passado, cria-se um ritmo destrutivo, o medo de ser excluído, a preocupação em relação às mudanças, o terror de não acompanhar a *fluidez*, de se tornar lixo-humano.

Anda-se sobre a areia movediça, em que nada se solidifica. Tornar-se impossível aprender com a experiência do passado, ou fazer prognósticos.

As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta. (BAUMAN, 2007, p. 8)

Esquecer, apagar, desistir e substituir são verbos dinâmicos, na vida líquida. *Destruição criativa* é um lema da vida contemporânea.

É claro que a insegurança, como já foi dito, é a marca fundamental da vida líquida. Nos *Tempos líquidos* (em inglês 2007; em português 2007), ninguém se sente seguro, nas grandes cidades, local de aprisionamento e ansiedades. Os laços afetivos não permanecem, na era consumista. As relações são *fluidas, flexíveis*, são como redes. Tecidas ou *deletadas*, a qualquer momento. Os contatos podem ser até virtuais. Os vínculos desapareceram e só é possível conectar-se, sem nenhuma permanência.

Como os cenários mudam rapidamente, as conexões se desfazem, ao mover de um dedo. Os desejos se tornam conflitantes, entre a fragilidade dos vínculos e o de apertar os laços.

O herói do livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004) é o relacionamento humano. Explora o dilema das relações humanas entre precisar de outra pessoa, ser-em-relação, e o medo de desenvolver relacionamentos mais profundos que imobilizem.

Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio, pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por relacionar-se. E, no entanto, desconfiados da condição de estar ligado, em particular de estar ligado permanentemente, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para – sim, seu palpite está certo – relacionar-se. (BAUMAN, 2004, p. 8).

O Amor é assunto central e o autor distingue o que chama de verdadeiro amor, do que no mundo atual, banalizou do termo. Uma noite esporádica de relação sexual pode ser dita de “fazer amor” ou pessoas que se gabam por amar hoje e não amar mais o outro no dia seguinte, ou ainda gabar-se por não amar e só criar relacionamentos como “ficar” ou “temporariamente estar junto” sem compromisso, como vitória do homem sobre o amor.

A experiência do Amor é comparada com a experiência da morte, no texto do Bauman, como eventos únicos na vida e que não se pode aprender a tê-los, mas se vive com toda a intensidade.

No mundo líquido moderno, carregado de ambivalências, a opção ou a coragem e liberdade para se dedicar à experiência de amar outra pessoa e assim correr o risco de perder-se (compreendendo que o ser humano vem se configurando por ser individualista) neste amor e ter que reconfigurar-se (hábitos, costumes, opções de consumo, capacidade de crédito) abrindo mão de tão valorizadas (pela sociedade) aquisições.

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. (BAUMAN, 2004, p.21)



São generalizados, na sociedade líquida consumista, o culto ao prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados como a experiência de amor que só pode ser satisfeita com a satisfação do outro, com cumplicidade e parceria.

Por fim, Bauman expõe que “sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos.” (2004, p. 22)

Neste contexto, ressalta a incapacidade existente de acolher um estranho ou um estrangeiro.

Existe uma enorme dificuldade, senão uma impossibilidade de amar o próximo, o outro. Aliás, nesse mundo fragmentado, estilhaçado, como focaliza Bauman em *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*, o outro não existe ou só existe como ameaça, como perigo, como risco.

Nesse livro, reúnem-se oito ensaios: identidade, inospitalidade, peregrinação e errância, pânico, violência, racismo, antisemitismo, modernização da crueldade, função dos intelectuais na política e construção de uma moral incondicional e irrestrita não baseada no contrato.

Nesse mundo fragmentado, a atenção já não existe, sobretudo a atenção ao outro.

Em *Ética pós-moderna* (1993, em inglês; 1997, em português) questiona-se se estamos assistindo à *morte da ética*. Será que a ética, no tempo do pós-moderno, está sendo substituída pela estética?

Jornalistas e acadêmicos dizem que o pós-modernismo emancipa dos padrões morais, elimina o dever e desarticula a noção de responsabilidade. Para Bauman, os grandes temas da ética não perderam sua força. Devem, porém, ser revistos e renovados. Sem ilusões, sem falsa consciência, sem objetivos irrealizáveis.

Bauman escreve, com enorme rapidez e notável habilidade em organizar muitos dos problemas e questões do presente. Desempenha, portanto, o papel de tradutor. Sintetiza o que está se passando e o que é importante e o apresenta aos pensadores sociais, de modo a que possam proceder aos debates, por si mesmos. Traduz o mundo, em textos. É um ensaísta, não um construtor de sistemas (cf. TESTER, in Bauman sobre Bauman, 2011, p. 214)

É um sociólogo, pois acredita que a sociologia é mais capaz de captar e abraçar a totalidade da experiência humana que qualquer outra disciplina. Porém, acredita que as fronteiras entre as disciplinas devam ser tratadas com suspeita e até ignoradas, na busca de um conhecimento mais abrangente e relevante do mundo social. Faz sociologia, sob o signo do ecletismo e da universalidade. Não se trata de um ecletismo de autossatisfação e autoexaltação. Só um ecletismo necessário, porque a vida humana é ela própria fundamentalmente abrangente, diversificada e impossível de apreender, sob uma única classificação. Portanto, uma sociologia sem limites definidos. Perguntado por Tester que livro levaria para uma ilha deserta, se pudesse levar só um livro, Tester esperava que a resposta fosse um livro de Gramsci, de Weber ou de Simmel. O sociólogo, entre várias obras literárias, escolheu um conto de Jorge Luís Borges, escritor argentino.

Na verdade, para Bauman, um conto de Borges pode ser mais útil que os livros

convencionais de sociologia, se for mais capaz de apreender, de modo abrangente, o fluxo e a indeterminação da vida social.

Será sempre sob forma ficcional e não factual, mas pode lançar novas e desafiadoras luzes sobre relações, situações e forças sociais (cf. TESTER, in Bauman sobre Bauman, 2011, p.17)

Em sua sociologia, Bauman tenta mostrar que o mundo não tem de ser desta maneira, que há uma alternativa àquilo que correntemente parece tão natural, tão óbvio, tão inevitável. Duas influências se destacam no desenvolvimento do pensamento social do sociólogo polonês: o marxismo pós-leninista de Gramsci e a sociologia de Simmel.

Gramsci mostrou-lhe que homens e mulheres não são objetos inconscientes de estruturas sociais, que tudo determinam; ou seres mobilizados apenas em reação aos estímulos externos. Gramsci mostrou-lhe que somos dotados da habilidade e do poder de construir o mundo. Chegou à compreensão da cultura como uma *faca que pressiona o futuro*.

Gramsci superou o comunismo *oficial* de estilo soviético como algo a ser abordado criticamente e sob suspeita, pois atribuía ao Partido ou a alguma abstração chamada *proletariado* ou *necessidade histórica, a construção da História*.

Simmel apontou a Bauman como observar o mundo atual sem alternativas e sem eliminar-lhe as ambivalências.

Ambivalência e incerteza são a essência da vida social. A sociologia tem de lidar com isso. Ao contrário de muitos pensadores sociais, Bauman não acha que questões de moral possam ser reduzidas a gostos pessoais, a caprichos temporários, a posições e experiências de grupos específicos ou a procedimentos metodológicos. A moral refere-se ao compromisso com o outro, ao longo dos tempos.

A moral é a questão humana fundamental. O pensamento social é indivisivelmente moral e, por isso, diz respeito à *humanidade*, com a qual Bauman está comprometido. O compromisso com a humanidade exige um compromisso com o self, a virtude da dedicação, coragem, coerência e lealdade para com os valores humanos.

A *Ética pós-moderna* é um dos livros mais densos de Bauman, cujas reflexões fundamentam muitos de seus conceitos posteriores e desenvolvem outros esboçados em *Vida em fragmentos*, de 1995.

Várias ponderações sobre a Arte contemporânea e a Estética merecem a atenção de teóricos e artistas, pois se referem à sociedade líquida, de que vivemos os desafios e os conflitos.

Nesta época, a ética é denegrada e escarnecida como uma das constrictões tipicamente modernas, agora quebradas e destinadas ao cesto de lixo da história. Grilhões, uma vez considerados necessários, agora estimados claramente supérfluos. Nossa conduta libertou-se dos últimos vestígios opressivos de deveres infinitos, mandamentos e obrigações. Nossa era é era de individualismo não-adulterado e de busca de boa vida.

A hipótese do estudo de Bauman é que o significado da pós-modernidade repousa precisamente na oportunidade que oferece ao sociólogo crítico de inquirir com uma capacidade maior do que antes. A perspectiva pós-moderna significa, sobretudo, o rasgamento da máscara das ilusões, o reconhecimento de certas pretensões como falsas e de certos objetivos como inatingíveis, e assim mesmo, desejáveis. As fontes do poder



moral podem tornar-se visíveis e as oportunidades de moralização da vida social podem ser reforçadas. Resta ver se o tempo da pós-modernidade passará para a história como crepúsculo ou como renascimento da moralidade.

Os grandes temas da ética: direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre co-operação pacífica e auto-afirmação pessoal, sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo, não perderam nada de sua atualidade. Precisam é ser tratados de maneira nova.

Nossa nova época caracteriza-se, segundo Bauman, por um *reencantamento do mundo*, devolvendo dignidade às emoções e legitimidade ao inexplicável.

Por que devem as pessoas conformar-se com os princípios que os mestres lhes desvendam? Na ausência de sanções divinas, enfaticamente rejeitadas, um código ético deve apelar para as necessidades dos que eram exortados a segui-lo. O desejo de ser moral só pode ter raízes tão terrenas como as fundamentações sobre as quais se devia erigir a ética futura, e passar pelo teste tão humano como o chão em que se colocam essas fundamentações. Devia-se mostrar que fazer o bem era bom para quem o pratica. Devia ser desejado pelos benefícios que traz – aqui e agora, neste mundo. Devia justificar-se como a escolha *racional* para a pessoa, que deseja vida boa; racional, por causa das recompensas que traz. *Interesse e amor próprio* eram os nomes para as razões de se submeter aos iluminadores morais e aceitar seus ensinamentos. Amor-próprio é o que cada um e todos experimentam e pelo qual somos *naturalmente* guiados, no que fazemos. Todos queremos prazeres e todos queremos evitar dores. As pessoas não devem fazer mal a outrem, porque isto está de acordo com seu interesse próprio.

A realidade humana é confusa e ambígua, e também as decisões morais, diversamente dos princípios filosóficos éticos abstratos, são ambivalentes. É nesse tipo de mundo que devemos viver ou devemos aprender a viver ou tentar viver. A pós-modernidade é a modernidade sem ilusões.

O *reencantamento pós moderno* do mundo traz a oportunidade de apagar a memória da difamação da capacidade moral humana. Não que o mundo se torne necessariamente melhor ou mais habitável. Mas podemos começar e ter a esperança de um mundo mais realista.

Tirar a moralidade da couraça rígida dos códigos significa *repersonalizá-la*.

O que estamos aprendendo, duramente, é que a moralidade pessoal é que torna a negociação ética e o consenso possíveis.

Repersonalizar a moralidade significa fazer voltar a responsabilidade moral da linha do fim para o ponto de partida do processo ético.

O sonho da universalidade como o *destino último da espécie humana* e a determinação de realizá-lo, refugiou-se no conceito *processual de universalização*. O homem moderno contava com a competência do futuro para corrigir as injustiças do presente. Contava com o tempo. Mas essa esperança foi minada. A versão pós-moderna da historiografia da universalização é a perspectiva da *globalização*, isto é, a visão de uma difusão global da informação, tecnologia e interdependência, tornando distante a ideia da moralidade universal.

A moralidade legislada pelo estado e as pressões morais difusas pelos porta-vozes autônomos das comunidades, são unânimes num ponto: ambas negam ou pelo menos reduzem o juízo moral individual.

Ambas lutam para colocarem o dever ético heterônomo no lugar da responsabilidade moral autônoma. Ambas visam a expropriar os indivíduos da escolha moral.

Bauman termina seu livro, reafirmando que do exame da situação da pessoa moral no mundo pós moderno não emerge qualquer inventário claro de preceitos éticos nem outros arrimos de autoconfiança moral. Mas a frustração da incerteza é um ganho para a moralidade: permanecer pessoa moral.

Voltamos à pergunta inicial: no campo da ética, deve-se considerar a pós-modernidade como passo avante ou como retirada?

Felizmente para a humanidade, a moral foi apenas anestesiada, não computada. Ela ainda está lá, talvez adormecida, muitas vezes atordoada, às vezes, envergonhada e reduzida ao silêncio, mas capaz de ser acordada, de se levantar sóbria do torpor da embriaguês.

A afirmação de que a consciência do eu moral é a única garantia e esperança da humanidade pode chocar-se com a mente moderna, como absurda ou então agourenta.

A responsabilidade moral é a mais pessoal e inalienável das posses humanas e o mais precioso dos direitos humanos. Não pode ser eliminada, cedida, penhorada ou depositada em custódia segura. É incondicional e infinita e manifesta-se na constante tortura de não se manifestar a si mesma, suficientemente.

Como já dissemos, o livro contém todo um estudo sobre o que significa *o outro* para o eu moral. Sendo complexo, não cabe nos limites deste percurso. Remetemos o leitor ao texto, para seu maior proveito.

O capítulo 4, *O partido moral de dois* merece reflexão especial sobre o outro e a responsabilidade. Viver com os outros é óbvio, outros que vivem neste mundo e de maneira consciente, que podem agir sobre mim e eu sobre eles.

Desse denso livro, que examina a situação da pessoa moral no mundo contemporâneo, não emerge um inventário claro de preceitos éticos. Bauman avisou, logo de início, que não era sua intenção fazer isso. Atenuam-se erros de ontem, introduzem-se novos erros, que desafiam os esforços de amanhã.

No campo da ética, deve-se considerar a pós-modernidade como passo avante ou como retirada?

Bauman diz que ambas as respostas a essa pergunta são verdadeiras ou ambas falsas.

Não resistimos à tentação de reproduzir um texto de Walter Benjamim, a respeito do esboço que Klee fez do *Angellus Novus*, citado por Bauman. O anjo pintado, tal como o viu Benjamim, está

(...) olhando como se estivesse a ponto de se afastar de algo que contempla fixamente. Seus olhos estão fitos, sua boca aberta, suas asas estiradas. Pinta-se assim o anjo da história. Tem a face voltada ao passado. Onde percebemos uma corrente de eventos, ele vê uma só catástrofe que continua amontoando naufrágios e lança-os a seus pés. O anjo gostaria de parar, acordar os mortos e curar o que foi esmagado. Mas sopra vindo do Paraíso um vendaval, que com tal violência colhe suas asas, que o anjo não as consegue fechar. Esse vendaval irresistivelmente o lança para o futuro ao qual se voltam



suas costas, enquanto diante dele um monte de escombros ergue-se para o céu. É esse vendaval que chamamos de progresso. (BAUMAN, 1997, p. 255).

Em *Modernidade e Holocausto* (em inglês 1989, 1996 e em português 1998), o Autor visa a esclarecer que o Holocausto não foi, de fato, só uma tragédia judaica.

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. (BAUMAN, 1998, p. 12)

Esquecê-lo ou reduzi-lo somente a um crime horrendo, uma doença, é mais do que indiferença ofensiva às vítimas do genocídio, é um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida. *Como foi possível tamanho horror? Como isso pode acontecer bem no coração da região mais civilizada do mundo?* (BAUMAN, 1998, p. 13).

O livro de sua esposa Janina, *Inverno na manhã*, relata suas experiências de menina judia, vivendo em Varsóvia durante o auge da ofensiva da ocupação nazista. Como foi forçada, com a mãe e a irmã, a viver no gueto de Varsóvia e como conseguiram escapar à deportação para os campos de extermínio. O livro de Janina deixou marcas no pensamento social de Bauman.

Janina escreveu que *a coisa mais cruel da crueldade é que ela desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E... o esforço mais árduo é permanecer humano em condições desumanas* (BAUMAN, 2011, p. 20). Este tema ele o retoma em 2013 (p.14) explicando que situações de violência não ensinam as pessoas a se tornarem gentis ou sensíveis, mas tornam-nas insensíveis e cruéis. Com isso, encontram-se hoje pessoas fechando as portas para outras (“mentalidade de uma fortaleza sitiada”) sem que percebam que este fechamento não significa a segurança, que tanto buscam.

Modernidade e ambivalência (1991,1995, em inglês e, em 1999, em português), faz um esforço inovador a respeito das questões levantadas pelo debate modernidade/pos-modernidade. A modernidade não cumpriu suas promessas, diz Bauman. Estamos diante da ambivalência de todas as opções, identidades e projetos de vida.

A pós-modernidade seria uma época de reconciliação com a ambivalência, aprendendo a viver num mundo implacavelmente ambíguo.

A ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar. (BAUMAN, 1999, p. 9)

A ambivalência cria ansiedade, porque ela se estende à educação, à economia, à política, à tecnologia e à subjetividade.

No livro *Europa: uma aventura inacabada* (em inglês, 2004, em português 2006), Bauman afirma que foi a Europa que primeiro proclamou que o mundo é feito pela cultura e, portanto, é preciso cultivá-la. A cultura europeia é uma cultura que não conhece repouso.

Para Bauman, a Europa é uma missão, algo a ser criado, construído. Ela deve oferecer ao mundo uma experiência de superação da violência, depois de séculos de guerras e *vidas desperdiçadas*. Ela deve ser um *locus* de esperança mundial.

O livro *Comunidade*, a busca por segurança no mundo atual, publicado em 2001 em inglês e em 2003, em português, parece um oásis de água fresca, em meio às ansiedades da transitoriedade pós-moderna.

Teremos encontrado um aconchego? Um refúgio, um paraíso que perdemos e esperamos reencontrar? Estaremos nele protegidos? Nele, teremos, finalmente, a almejada segurança? Mas, e se perdermos a liberdade? O direito de sermos nós mesmos? Que direito é esse, se não sabemos quem somos, não temos segurança quanto à nossa identidade pessoal, nossa cultura, nossas crenças?

Numa entrevista que concedeu ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, o sociólogo polonês recoloca o problema da identidade, que exige toda uma revisão adaptada à dinâmica do transitório, mais adequada à fluidez da sociedade contemporânea. Como falar em identidade, quando já se transformam, continuamente, nossas identidades religiosas e culturais?

No pequeno livro *Identidade* (em inglês, 2004, em português, 2005), mais uma vez, Bauman abala nossas crenças fundamentais.

Faz reflexões profundas sobre a própria identidade, pois é um estrangeiro na Inglaterra (embora naturalizado), já que lecionou durante 20 anos e lá vive, atualmente; além de responder às questões acerca das constituições identitárias no mundo líquido moderno.

No mundo líquido, o forte são as oportunidades que aparecem sem tempo e nem espaço definidos. Neste cenário, uma “identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo” (2005, p. 60) sem dúvida um limite a diversas opções que surgem no decorrer da vida. Seria como um fechamento da capacidade de abrir novas portas, uma inflexibilidade diante de um mundo ainda a ser descoberto. Atitude que na sociedade seria tida como ridícula e medrosa.

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com os precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras. Se outras pessoas as adotam (raramente de bom grado, pode-se estar certo!), são prontamente apontadas como sintomas da privação social e um estigma do fracasso na vida, da derrota, da desvalorização, da inferioridade social. (BAUMAN, 2005, p. 60)

A comunidade é outra questão abordada e da mesma forma que a identidade coesa e com índice de estabilidade alto pode ser prejudicial àquele que deseja “aproveitar-se” das oportunidades que a vida oferece sem perceber outro lado. Não é uma análise valorativa da questão, mas uma resposta baseada nas quantidades de oportunidades que o mundo atual oferece.

Respondendo sobre a “comunidade”, Bauman escreve:



Para pessoas inseguras, desorientadas, confusas e assustadas pela instabilidade e transitoriedade do mundo que habitam, a ‘comunidade’ parece uma alternativa tentadora. É um sonho agradável, uma visão de paraíso: de tranquilidade, segurança física e paz espiritual. Para pessoas que lutam numa estreita rede de limitações, preceitos e condenações pelejando pela liberdade de escolha e autoafirmação, ao contrário, um pesadelo: uma visão de inferno ou de prisão. A questão é que todos nós estamos intermitente ou simultaneamente, sobrecarregados com “responsabilidades demais” e ansiosos por ‘mais liberdade’, o que só pode aumentar nossas responsabilidades. (BAUMAN, 2005, p. 68)

As duas faces da Comunidade mostram a ambiguidade entre o que podemos amar e odiar, a segurança dos laços e de nós mesmos neste espaço ou / e a liberdade de não ver-se na “prisão”; é sem dúvida uma escolha típica do mundo líquido moderno.

No livro “*44 cartas do mundo líquido moderno*” (2011) temos uma seleção de cartas que foram primeiramente escritas e publicadas pela revista italiana La Repubblica dele Donne, sobre temas atuais sob a ótica da modernidade líquida. Entre estes escritos, várias cartas são sobre a família, outras várias sobre educação, ainda sobre a sociedade e algumas de temas esparsos como moda, saúde, cultura, pássaros etc.

A segunda carta expõe a ideia de que jovens e até crianças apresentam-se com compulsão de manter-se conectados a seus amigos pelo facebook, twitter e que isso poderia levar a um encolhimento da criatividade. “Se você está sempre ‘conectado’, pode ser que nunca esteja verdadeira e completamente só. Se você nunca está só (...) tem menos chance de ler um livro por prazer, de desenhar um retrato, de contemplar uma paisagem pela janela e imaginar mundos diferentes do seu”. (2011, p. 16-17)

Sobre educação, em várias das cartas, a ideia central passa pela análise das mudanças da educação no decorrer dos anos e a observação de que na atual modernidade líquida, o conceito de perenidade do que se aprende perde totalmente a relevância e os desafios se tornam assustadores e incomparáveis.

Sobre família, várias cartas refletem sobre as diferenças entre gerações e que este fato acarreta diversas consequências como: a dificuldade de amadurecimento dos mais novos, a pouca responsabilidade apresentada pelos pais na condução dos filhos na contramão do mercado consumista, a liberalidade das relações sexuais e a ampliação de laços familiares, perdendo-se algumas vezes a especificidade de papéis.

O livro *Confiança e medo na cidade* (em inglês; 2001; em português 2009), insiste na tecla de que a arquitetura das grandes cidades tornou-se defensiva e até agressiva.

Aqueles espaços, em que na sua origem, era possível conviver com o outro, o estranho, o estrangeiro, atrativo para a humanidade, para compartilhar experiências e conviver com o diferente, enriquecendo-se, tornaram-se espaço de medo e insegurança. Os estranhos são segregados; desclassificados como cidadãos da *última fila*. Recuperar o *espaço público*, que até o computador boicota, seria um recurso válido para um futuro melhor.

Em *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas* (em inglês, em português 2009), Bauman focaliza a *individualização* como traço fundamental da socie-

dade contemporânea. Temos de olhar para dentro de nós para encontrar nossas próprias potencialidades, nosso poder, pois a solidão é nossa partilha, já que não há líderes para orientar-nos. Estamos sempre nos culpando por nossas falhas e nossas fraquezas. A Sociologia pode nos ajudar a narrar nossas histórias de vida sem censuras ou correções.

Na obra *Em busca da política* (em inglês, 1999, em português, 2000), Bauman reforça a mesma ideia: a liberdade individual só pode ser produto de trabalho coletivo, isto é, só pode ser garantida coletivamente.

Endereçar-se à privatização dos meios de assegurar esta liberdade está destinado a resultados negativos. Temos de praticar a arte de traduzir problemas pessoais em questões de ordem pública, se quisermos renovar a política.

Vidas desperdiçadas (em inglês, 2004; em português, 2005) busca recuperar uma perspectiva humanista do social. Em nosso planeta, multidões de seres humanos não têm meios de sobreviver, em seus locais de origem. Multiplicam-se os chamados *párias da modernidade*, expulsos, inadaptados, marginalizados, lixo humano produzido pela sociedade de consumo. Não há espaço para fugir, não há futuro.

E que fazer com nosso anseio de felicidade? Em *A arte da vida* (em inglês, 1908; em português, 1909), Bauman expõe, brilhantemente, as condições sob as quais escolhemos nossos projetos de vida, as limitações impostas a nossas escolhas, o entrelaçamento entre planejamento, casualidade e caráter, que moldam nossas escolhas. É claro que a *modernidade líquida* condiciona nossas construções e narrativas. Mais riqueza, mais poder significam felicidade? Não é isso, que indicam as pesquisas sobre o bem-estar subjetivo.

Nossas vidas, quer o saibamos ou não e quer o saudemos ou lamentemos, são obras de arte. Para viver como exige a arte da vida, temos, tal como qualquer outro tipo de artista, de estabelecer desafios que são (pelo menos no momento em que estabelecidos) difíceis de confrontar diretamente, devemos escolher alvos que estão (ao menos no momento da escolha) muito além de nosso alcance, e padrões de excelência que, de modo perturbador, parecem permanecer muito acima de nossa capacidade (...). Precisamos *tentar o impossível*. (BAUMAN, 2009, p. 31).

Neste texto, a temática da “escolha” recebe importante espaço. O ser humano é posto sempre diante de escolhas éticas e que indicam o valor do outro. Casos relatados no texto sobre fatos nos quais as possibilidades de sobrevivência de outras pessoas dependiam ou não de ações que deveriam ser tomadas. A questão central pode ser resumida nas perguntas: Porque eu me envolveria neste caso que não me afeta caso eu não faça nada? Como é somente um aumento de possibilidade e isso é incerto, porque devo acreditar que minha ação faria algo a favor de outro? Qual a medida de esforço ou risco que devo correr para tentar (só tentativa) ajudar outra pessoa?

A espontaneidade e soberania das expressões de vida não garantem que a conduta resultante seja uma escolha louvável, eticamente adequada, entre o bem e o mal. Escolhas certas e erradas podem



resultar da mesma condição de incerteza, indeterminação, indefinição e falta de coerção (...) sem se preparar para a possibilidade de escolhas erradas, não é provável que se persevere na busca pela escolha certa.” (BAUMAN, 2009, p. 140)

A reflexão sobre as escolhas, bem como o conceito de responsabilidade, de corresponsabilidade, a responsabilidade pela vida dos outros, são análises que permeiam a arte da vida.

Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos (em português 2010) apresenta temas como crediários, hipotecas, crise na educação, superapologia da informação, efemeridade dos bens culturais, bulimia, anorexia, medo, brilhantemente relacionados com o conceito-chave de liquidez.

Bauman não é pessimista, como muitos julgam. Ele acredita na capacidade humana de elaborar alternativas para a construção de uma sociedade livre.

O livro *Legisladores e intérpretes* (em inglês, 1987; em português, 2010), sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais, apresenta um prefácio à edição brasileira, em que pontua algumas ideias. O livro foi elaborado alguns anos antes de *Modernidade líquida*. A noção de *pos-modernidade* é usada para descrever a realidade social, que depois foi substituída por *modernidade líquida*. A pergunta principal do livro é: qual o papel dos intelectuais no mundo moderno?

O intelectual se formou ao mesmo tempo que o Estado absolutista, quando lhe foi atribuído o papel de legislar sobre um projeto universal de progresso da razão e da humanidade, devido a seu conhecimento superior das coisas do mundo.

Na *pós-modernidade*, o intelectual é caracterizado pelo trabalho de *intérprete*. Em lugar de selecionar a melhor ordem social, o intelectual pós-moderno pretende facilitar a comunicação entre participantes autônomos, atuando como uma espécie de negociador.

Vida a crédito (em inglês e português, 2010) se constitui de conversas com a jornalista e pesquisadora mexicana Citlali Rovirosa-Madrado.

Bauman faz uma avaliação de eventos ocorridos nos últimos anos, sintomáticos do nosso tempo: sociedade de produtores versus sociedade de devedores; a crise financeira mundial de 2008-2009; produção de combustíveis versus fome; superpopulação e direitos humanos; o fundamentalismo religioso; indústria de cosméticos e preocupação com o corpo; engenharia genética e clonagem; utopia e distopia.

Rovirosa-Madrado escreve uma Introdução ao livro em que respondendo à pergunta *Quem é Zygmunt Bauman?* faz uma significativa síntese do pensamento do sociólogo polonês.

Em seus escritos, surgem as *idades líquidas*, cujos cidadãos foram transformados em exércitos de consumidores deixando de ser *cosmópolis* para ganhar a aparência de fortaleza, como *idades do medo* (BAUMAN, 2010, p. 16)

Em *Bauman sobre Bauman* (em inglês, 2001, em português 2011), o Professor Keith Tester, no *Prefácio*, diz que os diálogos que constituem este livro ocorreram na primavera e no verão de 2000; neles foram realizados três objetivos principais:

1. dar a Bauman a oportunidade de descrever, em linhas gerais, algumas das correntes profundas de seu pensamento sob a superfície de seus diversos textos;
2. oferecer um contexto, no qual Bauman pudesse explorar algumas de suas ideias, de forma relativamente descontraída e, assim, sumarizar o que considera alguns dos conceitos-chave do corpo da obra, que assina;
3. permitir a Bauman que refletisse sobre os significados que seus textos adquiriram, no mundo.

Os diálogos abordam grandes temas: os horizontes da sociologia; ética e valores humanos; o caráter ambivalente da modernidade; individualização e sociedade de consumo; o papel da política. É interessante assinalar como na *Introdução* também são feitas três perguntas: Quem é Zygmunt Bauman? O que ele faz? Por que o faz? É claro que este texto não pode abranger a profundidade e a complexidade do pensamento de Bauman. O objetivo é apenas fornecer uma via de acesso ao pensamento social de Bauman para aqueles que não estejam familiarizados com ele.

Ler os livros de Bauman não é reconfortante, mas faz você pensar de um modo diferente sobre o mundo, sobre si mesmo e – talvez ainda mais importante – sobre suas relações e afinidades com os outros. (BAUMAN, 2011, p. 9)

Este livro tem também caráter autobiográfico. Abrange a juventude na Polônia; os autores que o influenciaram; a importância da esposa Janina, em sua compreensão do Holocausto – os conceitos – chave para a leitura de seus textos.

Nos cinco diálogos aqui reunidos, Bauman volta a lançar seu olhar crítico sobre ideologias que nos são impostas e que semeiam indiferença e pessimismo. A isso contrapõe a constante luta do pensamento social para auxiliar homens e mulheres a entender as próprias vidas e se engajar na busca da liberdade. (contracapa)

Ensaio sobre o conceito de cultura (em inglês, 1975, 1999, em português, 2012): este livro foi escrito há mais de três décadas e sua edição em português exige uma explicação, que se faz na *Introdução*, pelo próprio autor. Primeiro, é preciso descobrir o que o livro ainda tem de atual, que possa interessar a leitores mais jovens. O segundo trabalho é ponderar o que o Autor teria alterado no texto, caso estivesse escrevendo-o, pela primeira vez. Ambas as tarefas são empreendidas na *Introdução*. No contexto do livro, Bauman *faz uma revisão crítica do conceito de cultura, nas ciências sociais. Percorrendo um longo caminho, dos gregos antigos ao pós-estruturalismo, Zygmunt Bauman examina as principais correntes de pensamento que estudavam o significado da cultura, na sociedade.* (orelha do livro)

No 1º Capítulo, Bauman sublinha a ambiguidade do conceito de cultura, por causa da incompatibilidade das numerosas linhas de pensamento, que se reuniram, historicamente, sob o mesmo termo.

Depois de levantar diversos conceitos de cultura de vários autores, destaca, para o termo *cultura* três conceitos diversos: o conceito hierárquico, o conceito diferencial e



o conceito genérico. Certamente, o que se estende por 70 páginas ficará empobrecido, tratado em duas páginas, e por isso, remetemos o leitor interessado ao texto.

Quanto a nós, limitamo-nos a uma síntese. A cultura é sempre uma propriedade e por isso pode ser dissipada, manipulada, transformada, moldada e adaptada. É fruto da práxis humana. A contínua e infundável atividade da estruturação constitui o cerne da práxis humana, o modo humano de ser e estar no mundo. Para essa existência ativa, o homem recebe dois instrumentos essenciais – *manus e lingua* (Tomás de Aquino) ou *instrumento e linguagem*. O homem maneja o mundo com esses dois implementos. Esse manuseio consiste em extrair energia e gerar informação.

A *energia* é necessária para satisfazer suas necessidades e, portanto, depende de forças que não estão inteiramente sob seu controle. Ele se percebe como *objeto*.

A *informação*, ele a vivencia como algo que deseja; ao gerá-la, submete à sua vontade, forças até então elementares e descontroladas. Então se percebe como *sujeito*. Daí a contínua persistência no pensamento, humano, do mundo caracterizado pela multideterminada dicotomia espírito e matéria, mente e corpo; e a invariável tendência a associar espírito com liberdade e corpo como servidão.

A cultura é um esforço perpétuo para superar e remover essa dicotomia. Criatividade e dependência são dois aspectos indispensáveis da existência humana. O homem, portanto, está fadado a sentir-se insatisfeito com seu mundo, a destruir e a criar.

No segundo capítulo, *Cultura como estrutura* examina-se a necessidade da estrutura social produzir uma ordem, sendo a cultura a forma de organizar, simbolicamente, o mundo.

Bauman encara a *estrutura* como um antônimo do *estado de desordem*. Examina a condição ontológica e epistemológica da estrutura, faz uma síntese do projeto estruturalista, que abre novos panoramas para a análise sociológica, passando por várias abordagens e diversos autores, inclusive linguistas, como Saussure, e semioticistas, como Peirce.

É convicção de Bauman, que a promessa estruturalista só pode passar da possibilidade para a realidade, caso se compreenda que o papel desempenhado pelo campo semiótico, na análise linguística, é assumido, no mundo das relações humanas, pela estrutura social.

O terceiro e último capítulo, *A cultura como práxis* com quase 90 páginas e abordagens variadas, é muito difícil de ser resumido, sem perder ideias essenciais.

A identidade de uma sociedade tem raízes, em última instância, numa rede mais ou menos invariante de relações sociais; a natureza *societal* consiste, acima de tudo, numa tela de interdependência desenvolvida e sustentada pela e na interação humana. As relações sociais são o *núcleo duro* da interação concreta assim como a estrutura social é o núcleo da organização social. Elas são o esqueleto permanente, duradouro, pouco sujeito a mudanças, da prática social. São padrões, o fulcro de estabilidade num casulo de eventos flutuantes.

A emergência e a continuidade de um sistema social tornam-se, acima de tudo, um problema de intercâmbio mental, doutrinação moral, formação de personalidade.

Embora *cultura* pareça pertencer a uma grande família de conceitos originários da parte *interna* da experiência universal da dualidade do mundo, é diferente de seus parentes na tentativa de transcender a oposição entre o subjetivo e o objetivo. Suas raízes

estão encravadas na experiência humana primeva da subjetividade. Mas nasce da experiência da objetividade dura, inexpugnável e inflexível. A cultura tal como a vemos em termos universais, opera no ponto de encontro do indivíduo humano com o mundo, que ele percebe como real. O ordenamento cultural é realizado pela significação. Por isso, a semiótica ou teoria geral dos signos fornece o foco para o estudo da metodologia geral da práxis cultural.

Vista em suas características mais gerais e universais, a práxis humana consiste em transformar o caos em ordem, ou em substituir uma ordem por outra – e ordem, aqui, é sinônimo de inteligível e significativo.

Só as motivações de crescimento, como a cultura, são de fato especificamente humanas. O rebuliço adaptativo dos homens, motivado pela sobrevivência, não é ainda de todo humano; suas atividades práticas, obrigatórias, só adquirem significado humano, quando limpam o terreno para o modo genuinamente humano de ser e estar no mundo. A humanidade é o único projeto conhecido que visa a ultrapassar o plano da mera existência, transcender os domínios do determinismo, subordinar o *é ao dever ser*.

Ao longo do livro, Bauman aborda temas como o significado do incesto, dos tabus, a marginalidade, o viscoso, uma apreciação do positivismo, em seus aspectos positivos e negativos, a diferenciação entre indivíduos e grupos.

Conclui esse instigante estudo com palavras de esperança e superação do momento presente.

A cultura humana, longe de ser a arte da adaptação, é a mais audaciosa de todas as tentativas de quebrar os grilhões da adaptação como obstáculo fundamental à plena revelação da criatividade humana.

A cultura só pode existir como crítica prática e intelectual da realidade social existente.

A cultura é a única faceta da vida e da condição humana, em que o conhecimento da realidade e o do interesse humano pelo aperfeiçoamento e pela realização se fundem em um só. É, na verdade, o único conhecimento audacioso o bastante para oferecer ao mundo seu significado, em vez de acreditar, com ingenuidade, que o significado está ali, já pronto e completo, à espera de ser descoberto e aprendido. A cultura, portanto, é o inimigo natural da alienação. Ela questiona, constantemente, a sabedoria, a serenidade e a autoridade que o real atribui a si mesmo.

Não consente que a atitude limitadora da ciência positiva possa ser admitida como padrão do conhecimento válido. A postura cultural admite uma multiplicidade de realidades. A cultura é singularmente humana, no sentido em que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo: a justiça, a liberdade e o bem. A cultura não cede a uma rendição desumanizante.

Para Bauman, a cultura, assim como a práxis, é exclusivamente humana. Só o homem desafia sua realidade, exigindo para ela um significado.

Em 2013, afirma que a cultura é esmagada pelo consumismo e ambição por lucro e que somente uma “revolução cultural” poderia ser uma chance de “dissidência efetiva e de libertação dos ditames do mercado” (p.31). Relacionando com o sistema educacional diz que apesar deste sistema estar bem limitado por ele próprio ser submetido às forças



consumistas, é o sistema que ainda tem poderes de transformação para ser considerado fator de possível revolução.

A cultura líquido-moderna não se sente mais uma cultura da aprendizagem e da acumulação, como as culturas registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Em vez disso, parece uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento. (BAUMAN, 2013, p. 37)

Isto não é um diário (de 2012, tanto em inglês como em português): os temas deste livro dizem respeito ao momento atual: à falta de perspectiva profissional dos jovens; à impiedosa perseguição aos ciganos na França; à bolha imobiliária americana; ao dilema eleitoral de Barack Obama; aos desmandos institucionais na Itália de Berlusconi; ao papel dos países emergentes na estratégia mundial de globalização; às propostas de regulamentação da internet; ao fim do sonho americano; ao significado da palavra democracia nos movimentos que levaram à Primavera Árabe – e tantos outros (orelha do livro).

Sobre educação e juventude (2013 em português e 2012 em inglês): é uma conversa com Riccardo Mazzeo sobre diversos assuntos e retomando conceitos abordados por Bauman na sua extensa obra. O tom das respostas de Bauman é uma visão otimista da educação a fim de abrir horizontes para uma transformação da sociedade.

Baseado nos escritos de Bateson, afirma mais de uma vez no livro que a educação mais avançada seria aquela que possibilitasse passar da informação e da memorização (1º nível) também do domínio da estrutura cognitiva (2º nível), mas alcançar a “*capacidade de desmontar e reorganizar a estrutura cognitiva anterior ou desembaraçar-se totalmente dela, sem um elemento substituto*”. (p. 17)

Acerca dos professores e a arte de ensinar, metaforicamente exemplifica com a comparação de que se fazem mísseis balísticos que descobrem o alvo e mudam de rota, mas que o tempo atual exige mais, como mísseis inteligentes que adquiram a capacidade de aprender novos comandos no decurso do trajeto, mudando radicalmente de ideia, sem que isso afete o fim pelo qual foi lançado.

Um tema recorrente no decorrer desta conversa de Bauman com Mazzeo, sobre educação e juventude, é a questão da diminuição, ou até do corte, de investimentos públicos (de países como a Inglaterra e EUA) para estudantes universitários em Instituições particulares. Bauman considera como algo negativo, tendo em vista que, com isso, há uma desmotivação em investimentos para pesquisas por parte das Instituições, bem como uma possível exclusão de alguns jovens que não podem arcar com os altíssimos custos de uma Instituição particular. É analisada também a ideia que atualmente é bastante veiculada de que a Universidade não é um espaço que possibilite acesso a bons empregos e a altos salários. Grandes personagens da atualidade, como o criador do facebook, por exemplo, com uma boa ideia, uma invenção tecnológica, na maioria das vezes, conseguem um enorme sucesso econômico-profissional e carregam um histórico universitário de abandono. O questionamento que se faz é: por que estudar, ou por que investir tanto em estudos universitários se os empregos disponíveis são de vendedores e o salário é bem inferior ao que foi investido?

Também a desigualdade social e as lutas ou manifestações populares (na maioria de jovens) para conquistas sociais foram alvos deste livro. Focando na desigualdade em relação à educação, ele expõe:

A desigualdade de oportunidades educacionais é uma questão que só pode ser confrontada em ampla escala por políticas de estado. Até agora, porém, como já vimos, as políticas de Estado parecem estar se afastando, e não se aproximando, de um enfrentamento sério da questão (BAUMAN, 2013, p. 74)

Para Bauman, a sociedade baseada em consumo que tem membros “desqualificados para o consumo” (com pouco dinheiro ou sem crédito) cria uma situação como campos minados, correndo o risco de a qualquer hora surgirem explosões. Para o autor, as manifestações não indicam necessariamente consciência crítica e luta por melhorias claras e de mudanças mais estruturais, mas o grito do desejo de consumir e de se mostrar semelhante aos qualificados ao consumo.

Em uma entrevista concedida para o Jornal O Globo (12/8/2011), Bauman, falando sobre “motins de consumidores”, afirma que “qualquer explicação dada por esses jovens quando pressionados a explicar por que estão com raiva, o fato é que, quando queimavam e saqueavam lojas, não estavam tentando ‘mudar a sociedade’, substituir a ordem atual por outra mais humana e receptiva a uma vida decente e digna.” (2013, p. 86)

A questão do consumismo, abordada em diversas obras traz seus “Danos Colaterais – desigualdades sociais numa era global” (em inglês, 2011, em português, 2013b). Danos colaterais entendidos até as pessoas que são incapazes de consumo segundo as regras de mercado. Pessoas excluídas são vistas como danos do sistema, marginais às regras de compra, como um “mal necessário” próprio do sistema e com o qual as autoridades não têm o que fazer.

Para os consumidores excluídos, versão contemporânea dos que não têm, não comprar é o estigma desagradável e pustulento de uma vida sem realizações – de ser uma não entidade e de não servir para nada. Significa não somente a falta de prazer, mas a falta de dignidade humana. De significado na vida. Em última instância, de humanidade e de quaisquer outras bases para o autorrespeito e para o respeito das pessoas à sua volta. (BAUMAN, 2013, p. 83).

Nossas vidas estão inscritas nesses eventos. Bauman escreve por vocação, quase por dever. O jogo das palavras é, para ele, um celestial prazer. Diz-se incapaz de pensar sem escrever. Adora o isolamento, mas tem horror à solidão. Como dialoga sempre com o rosto da falecida esposa Janina, que aparece por primeiro, em seu computador, não pode sentir solidão.

É um viciado em escrever. Porém, declara que as coisas fluem rápido demais para dar lugar à esperança de captá-las em pleno voo. (2012, p. 9).

Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria (em inglês 2007;



em português 2008) propõe três “tipos ideais”: o do consumismo, o da sociedade de consumidores e o da cultura consumista. Esses “tipos ideais”

não são instantâneos nem imagens da realidade social, mas tentativas de construir modelos de seus elementos essenciais e de sua configuração destinados a tornar inteligíveis as evidências da experiência, que de outro modo pareciam caóticas e fragmentadas. (BAUMAN, 2008, p. 34)

Temas centrais deste livro são a invasão e a colonização da rede de relações humanas por padrões de conduta e visão do mundo inspirados e moldados pelo mercado. Os consumidores são também eles transformados em mercadoria. Consumo é algo trivial, que fazemos todos os dias.

Consumismo:

“é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem das vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, ‘neutros quanto ao regime’, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade”. (...) O consumismo chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. (BAUMAN, 2008, p. 41)

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam em com a nova liquidez do ambiente. O mundo líquido-moderado é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. Foram citados os termos “cultura a-gorista” e “cultura apressada” para denotar a maneira como vivemos em nosso tipo de sociedade.

“A possibilidade de povoar o mundo com gente mais afetuosa e induzir as pessoas a terem mais afeto não figura nos panoramas pintados pela utopia consumista.” (2008, p. 68)

A Sociedade dos consumidores representa um conjunto peculiar de condições existenciais em que é elevada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha a abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra.

Tão logo aprendem a ler, a “dependência das compras” se estabelece nas crianças. O consumo visto e tratado como vocação é, ao mesmo tempo, um direito e um dever universal do ser humano. Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, como membros autênticos dessa sociedade. Os pobres de hoje não são “desempregados”, são “não-consumidores”. São consumidores falhos, já que não desempenham o mais importante dos deveres sociais: o de ser comprador ativo e efetivo dos bens e serviços que o mercado oferece. Nos livros de contabilidade da sociedade de consumo, os pobres entram na coluna dos débitos. São um aborrecimento e uma amolação. Formam um buraco negro que suga qualquer coisa que se aproxime e não devolve nada, a não ser problemas e premonições vagas, porém sombrias (cf. Bauman, 2008).

Os pobres da sociedade de consumidores são inúteis. Para eles, tolerância zero.

Seria ótimo que sumissem com seus barracos. Os pobres são desnecessários, e, portanto indesejados. Onde é o lugar deles? Fora de nossas vistas, removidos das ruas e outros lugares públicos usados pelos membros do admirável mundo consumista.

Vigilância líquida: diálogos com David Lyon. (2013 em inglês e português)

David Lyon é professor de sociologia na Universidade de Queens, Canadá. Em seu prefácio juntamente com Bauman, diz que:

A vigilância é um aspecto cada vez mais presente nas notícias diárias, o que reflete sua crescente importância em muitas esferas da vida. (...) Hoje, as sociedades modernas parecem tão fluidas que faz sentido imaginar que elas estejam numa fase líquida. Sempre em movimento, mas muitas vezes carecendo de certezas e de vínculos duráveis, os atuais cidadãos, trabalhadores, consumidores e viajantes também descobrem que seus movimentos são monitorados, acompanhados e observados. A vigilância se insinua em estado líquido. (2013, p. 7).

A conversa entre ambos foi por e-mail, entre setembro e novembro de 2011. Na Introdução, David Lyon aponta a vigilância como uma dimensão – chave do mundo moderno. As câmeras de vídeo são elemento comum nos lugares públicos. Existem múltiplos tipos de vigilância, relativos a compras rotineiras e comuns, acesso on-line ou participação em mídias sociais. Temos de mostrar documentos de identidade, inserir senhas e usar controles codificados em numerosos contextos, desde fazer compras pela internet até entrar em prédios.

O diálogo entre esses dois pensadores investiga as origens históricas e ocidentais da vigilância atual e sugere questões éticas e políticas, sobre sua expansão. Apresenta-se o pan-óptico (lugar de onde tudo se vê) como um modelo de vigilância, hoje substituído pelo pós-pan-óptico. Poder e política estão se separando. O poder agora existe num espaço global e extraterritorial, mas a política continua local, incapaz de agir em nível planetário. Sem controle político, o poder torna-se fonte de grande incerteza, enquanto a política parece irrelevante para os problemas e temores da vida das pessoas. A fusão de formas sociais e a separação entre poder e política são duas características básicas da modernidade líquida, que têm óbvia repercussão na questão da vigilância. Pode-se mencionar duas outras conexões. Uma delas é a conexão mútua entre as novas mídias e os relacionamentos fluidos. A conexão final a ser feita é que os tempos líquidos oferecem alguns desafios profundos para quem deseja agir de maneira ética, ainda mais no mundo da vigilância. Duas grandes questões confrontam a ética da segurança. Uma delas é a lastimável tendência ao que Bauman chama de “adiaforização” em que sistemas e processos se divorciam de qualquer consideração de caráter moral. A outra é que a vigilância torna mais eficiente o processo de fazer coisas a distância, de separar uma pessoa das consequências de sua ação. O poder, hoje, pode mover-se à velocidade de um sinal eletrônico e fugir para algum lugar inalcançável, para a pura e simples inacessibilidade. (pós-pan-óptico)

À medida que os detalhes de nossa vida cotidiana, se tornam mais transparentes às organizações de vigilância, suas próprias atividades são cada vez mais difíceis de discernir. Embora a perda da privacidade possa parecer-nos a mais grave consequência dessa vigilância líquida, as questões do anonimato, da confidencialidade e da privacidade não devem ser ignoradas, mas também estão estreitamente ligadas à imparcialidade,



justiça, liberdades civis e direitos humanos. A “categorização social” é basicamente o que a vigilância realiza hoje. Cada tema do diálogo entre Bauman e David Lyon sugere não apenas sobre a análise adequada da vigilância, mas também sobre os insistentes desafios de ordem ética, que ela propicia.

Seria bom que o leitor interessado percorresse capítulos do livro como “Drones (aviões eletrônicos, libélulas) e mídia social; a vigilância líquida como pós-pan-óptico; ausência, distanciamento e automação; in/segurança e vigilância; consumismo, novas mídias e classificação social; investigando eticamente a vigilância e Agência e esperança. Esse último diálogo leva o tema muito além da vigilância líquida, mostrando que nem os nazistas, em seus campos de concentração, conseguiram eliminar de todo as escolhas humanas. “Nós fomos, somos e continuaremos a ser “homo eligens”, seres que fazem escolhas, que fazem história da mesma forma que são feitos por ela” (Bauman, 2013, p. 140)

Bauman se pergunta: qual a diferença entre viver e contar a vida? Clarice Lispector também se fez essa pergunta, pois tinha receio de perder a vida, enquanto a contava, isto é, enquanto escrevia.

Sabemos que Bauman, enquanto viver, não deixará de escrever. Na medida de nosso interesse, continuaremos a ser seus leitores, para esclarecer nossa visão de nós mesmos, de sociedade e dos outros.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Vida em Fragmentos: sobre ética pós-moderna; tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. O mal-estar da pós-modernidade; tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. Globalização: as conseqüências humanas; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. Em busca da política; tradução Marcus Penchel. tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- _____. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas; tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003
- _____. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- _____. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. Vidas desperdiçadas; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. Confiança e medo na cidade; tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

- BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. Medo líquido. tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. Tempos líquidos. tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. A arte da vida; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. Modernidade e holocausto; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação; tradução Antônio Amaro Cirurgião; Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1977.
- _____. Modernidade líquida; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- _____. Ética pós-moderna; tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. Isto não é um diário; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. Ensaio sobre o conceito de cultura; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.
- _____. Bauman sobre Bauman: diálogos com Beith Tester; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.
- _____. Vida a crédito: conversas com Citlali Rovirosa-Madrado; tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais; tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos; tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. Aprendendo a pensar com a sociologia; tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. Europa: uma aventura inacabada; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- _____. Modernidade e ambivalência; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BENJAMIN, Walter. Theses on the Philosophy of History, Illuminations: Essays and reflections, Schocken, New York, 1968, pp. 257-258, in BAUMAN, Zygmunt. Ética pós-moderna. S.Paulo: Paulus, 1997.

CULT. Edição Especial. Nº 4, janeiro 2012, ano 15, p. 36-41.